

INTERTEXTUALIDADE E CONSTRUÇÃO DO HUMOR EM TIRINHAS

Mauren O’Harra Cavalcante SOUSA (Universidade Federal do Piauí)

RESUMO: Neste artigo apresentaremos algumas considerações acerca da intertextualidade. O objetivo é, portanto, fazer uma abordagem da intertextualidade aplicada à construção do humor em tirinhas, com base na teoria da Linguística de Texto, especificamente a concepção de intertextualidade *stricto sensu* (KOCH *et al*, 2007, BAKHTIN, 1986; ELIAS, 2010). Para tanto, trabalhamos com um *corpus* constituído por cinco tirinhas coletadas na internet. Primeiramente, discorremos sobre a intertextualidade e fizemos uma breve caracterização do gênero textual tira. Depois fizemos a análise propriamente dita, tecemos uma linha de raciocínio, com base na identificação do(s) intertexto(s) relacionados às tiras, na qual enfatizamos os aspectos pertinentes à construção da comicidade desencadeada pela intertextualidade. Nas considerações finais, ratificamos os resultados da análise, que apontam para a validação da hipótese norteadora desta investigação: a importância do objeto de estudo da intertextualidade como uma das peças essenciais para a compreensão do processo de construção dos sentidos do texto.

PALAVRAS-CHAVES: Intertextualidade. Humor. Tirinhas.

Introdução

Pretendemos, neste artigo, enfocar o papel essencial da intertextualidade nas tirinhas para a construção do humor, haja vista que a tira em quadrinho é um importante gênero porque possibilita, através das marcas lingüísticas, chegar ao riso, ao divertimento do leitor. Esse gênero é constituído por pequenos quadros verbais e/ou não-verbais que propiciam a interpretação nos mais variados sentidos, pela apropriação de falas, de gestos e, principalmente, do contexto para construção interacional entre locutor e interlocutor.

Objetivamos fazer um apanhado referente a intertextualidade voltada para a elaboração do humor no gênero tira em quadrinho. Para tanto, desenvolvemos uma linha teórica que perpassa pela Linguística Textual embasada, principalmente em Koch *et al* (2007); Elias (2010), como também Barbosa (2009); Ramos (2009), voltados ao gênero tirinha. Nesse sentido, constituímos um *corpus* de cinco tiras de diversos temas, selecionadas em sites da internet. De início, faremos um apanhado sobre os fundamentos da intertextualidade, discorrendo também sobre o gênero textual tirinha e evidenciando o efeito de humor como uma de suas características, assim como a facilidade de sua circulação em inúmeros suportes. Em um outro momento, faremos a análise propriamente dita sempre envolvendo a identificação do(s) intertexto(s), nesse gênero, para a caracterização do humor.

As tiras em quadrinhos é um gênero que por muitos anos foi deixado de lado por ser considerado uma leitura marginal, isto é, uma leitura que não levava a nada. Entretanto, compreendemos que esse gênero seja um campo fértil para o estudo do humor, essencialmente no que se refere à intertextualidade. Assim, analisar esse gênero textual à luz da Linguística Textual é de fundamental importância, pois é um campo fértil para o estudo do humor, essencialmente no que se refere à intertextualidade.

Assim sendo, com a finalidade de investigar o papel da intertextualidade como um dos elementos que engatilha o humor nas tirinhas, é que propomos a realização deste trabalho.

1 A intertextualidade na perspectiva da Lingüística Textual

Os estudos referentes à intertextualidade, segundo Koch e Elias (2010), vêm sendo de grande valia para os pesquisadores, pois só assim eles tentam investigar as relações estabelecidas entre os mais variados textos para a produção de sentido.

Somos sabedores que todo e qualquer texto faz remissão a outro texto, ou seja, ele dialoga de forma direta ou indireta com outros para construir o seu sentido. Para Bakhtin (1986), um texto só pode ser vivo quando ele possui um contato com outro texto, o autor enfatiza ainda, que um texto só ganha brilho se mostrar a relação entre eles, caracterizando assim, uma ponte que liga os dois escritos.

O termo intertextualidade foi mencionado pela primeira vez por Julia Kristeva que “defendia que qualquer texto é um mosaico de citações. Assim, dizia que nenhum texto possui uma originalidade radical, partindo sempre de outro para completar-lhe o sentido, pois compreendia que todo escrito compartilha uma experiência cultural comum à sociedade”. (BAZERMAN, 2007, p.94).

A Linguística Textual, segundo Beaugrande & Dressler, (1981) vê a intertextualidade como um dos elementos da textualidade, pois ela é fundamental no que se refere à construção do texto. Assim, eles “defendem que esse recurso compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado depende do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores”. (BEAUGRANDE & DRESSLER, 1981 *apud* Koch 2004 p. 42), ou seja, dos diversos tipos de relações que um texto mantém com outros textos.

A análise deste artigo se deterá ao estudo da intertextualidade *stricto sensu*, que ocorre, segundo Koch (2007), a partir de uma remissão direta ao outro texto que fora escrito em um outro momento anterior. *A priori*, o interlocutor terá que levantar, em sua memória, os indícios de um texto referindo-se a outro, caracterizando assim, a intertextualidade.

Para Bazerman, a noção de intertextualidade confirma o que Bakhtin defende acerca da relação entre os textos. Para ele todo texto traz em si mesmo uma conversa com outro texto. Dessa forma, afirma que

a intertextualidade constitui umas das bases cruciais para os estudos e a prática da escrita. Os textos não surgem isoladamente, mas em relação com outros textos. Escrevemos em resposta à escrita precedente e, enquanto escritores, usamos os recursos produzidos por escritores precedentes. Quando lemos, utilizamos o conhecimento e a experiência de textos que havíamos lido antes para construirmos os sentidos do novo texto e, enquanto leitores, observamos os textos que o escritor invoca. Nossa leitura e nossa escrita dialogam entre si à medida que escrevemos, em resposta direta ou indireta ao que havíamos lido anteriormente; e lemos relacionado às ideias que havíamos articulado em nossa própria escrita. (BAZERMAN, 2007, p. 92)

Portanto, o conhecimento que se tem sobre o que já foi visto e/ou lido contribui efetivamente para a construção e a interpretação do novo texto. Por isso, o leitor tem um importante papel, no que se refere à identificação da intertextualidade, para realizar os sentidos que o texto propõe, pois é através do ativamento dos seus conhecimentos anteriores que fará valer a construção do conhecimento, mesmo que ele não se dê conta disso.

Acreditamos que é quase impossível um texto não fazer referência a outro texto, pois é um fato quase incontestável que todo e qualquer texto converse com outros. Daí a importância

da Linguística Textual, trazendo todos os seus mecanismos para auxiliar no reconhecimento do diálogo entre esses textos. Assim afirmam Koch & Elias

todos nós conhecemos o princípio segundo o qual todo texto remete sempre a outro ou a outros, constituindo-se como uma “resposta” ao que foi dito ou, em termos de potencialidade, ao que ainda será dito, considerando que a intertextualidade encontra-se na base de constituição de todo e qualquer dizer. (KOCH & ELIAS 2010, p. 100)

É notável salientar que essa retomada a outros textos nem sempre é verificada pelo interlocutor, pois o escritor muitas vezes não indica a fonte primeira da intertextualidade porque supõe que o leitor tenha conhecimento suficiente para fazer essa remissão. Dessa forma, o recurso de textualidade é um elo essencial para a construção de sentido.

Devemos, pois, segundo Bazerman (2007), tentar compreender e/ou perceber como a intertextualidade perpassa o texto, tanto no papel de escritores ou leitores porque quando fazemos isso estamos aperfeiçoando nossa mente para realizarmos uma análise mais plena e cheias de informações para produzirmos sentidos, como também internalizarmos qual ou quais textos queremos explorar ou deixar de fora da nossa interpretação.

2 A intertextualidade *stricto sensu*

Como anunciamos, este artigo vai focalizar a intertextualidade *stricto sensu* na produção do humor das tiras em quadrinho. Por isso mesmo, devemos entender como se dá esse tipo de intertextualidade para que possamos aprofundar a nossa leitura.

A intertextualidade “*stricto sensu*”, segundo Koch *et al* (2007, p.17) “ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva dos interlocutores”.

Assim, devemos salientar que para haver a intertextualidade *stricto sensu* faz necessariamente à retomada a outro texto e isso só é possível, através da ativação do conhecimento que o indivíduo possui do texto primeiro, fazendo dessa maneira uma relação de um texto com outro para produzir sentido.

Para Koch *et al* (2007), a intertextualidade *stricto sensu* é dividida em temática, estilística, explícita e implícita. Vale lembrar que essas modalidades são alguns exemplos de que esse recurso pode ser explorado em diversos formatos, porém com a mesma finalidade, tentar fazer com que o indivíduo saiba orientar-se para descobrir o que há por trás de cada texto, fazendo a ativação da memória para estabelecer a relação entre os textos.

Assim, as autoras classificam e conceitualizam a intertextualidade *stricto sensu* da seguinte maneira:

- a) **Intertextualidade temática** – os textos abordam o mesmo conteúdo.
- b) **Intertextualidade estilística** – acontece quando o texto tenta imitar o estilo ou a variedade linguística de determinada maneira.
- c) **Intertextualidade explícita** - quando o texto faz menção à fonte do intertexto;
- d) **Intertextualidade implícita** – quando se mostra, dentro do próprio texto, intertexto de outro, sem nenhuma menção explícita da fonte;

3 As tiras em quadrinhos

Desde os primórdios, os homens das cavernas já tentavam criar histórias nas paredes, através das suas pinturas, pois é inerente ao ser humano a vontade de se expressar e se fazer entender por intermédio da linguagem, seja ela verbal ou não-verbal. Assim, é de suma importância o estudo dessas linguagens para compreendermos e descrevermos melhor sua natureza, seus mecanismos linguísticos e, principalmente seu uso.

Hoje, esse interesse por descobrir as intenções que um texto pode produzir ainda é essencial, pois toda e qualquer linguagem é elemento instigador na vida pessoal ou social, isto é, o indivíduo possui essa necessidade de desvendar, de compreender o que está dito. Por isso mesmo que a tira em quadrinho é um gênero textual que nos chama atenção, pois ela engloba as duas formas de linguagem: verbal e não-verbal.

Os gêneros textuais, na visão de Marcuschi,

são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (MARCUSCHI, 2008, p. 155)

Consideramos, então, que as tirinhas enquadram-se nesse conceito, pois representam uma estrutura padronizada, como também produzem sentido enfocando, principalmente, as relações sociocomunicativas.

Ramos (2009, p. 18) caracteriza esse gênero textual como tendo “o espaço da ação contida no interior de um quadrinho. O tempo da narrativa avança por meio da comparação entre o quadrinho anterior e o seguinte ou é condensado em única cena. O personagem pode ser visualizado e o que ele fala é lido em balões”. Grosso modo, podemos dizer que as tiras possuem esses elementos que a acompanham para defini-la como tal.

O autor ainda salienta a importância de dominar a linguagem dentro desse gênero porque só assim os leitores poderão ter condição de uma compreensão plena da história narrada. Desse modo, a capacidade de interpretar a tira em quadrinho vai além das palavras expressas pelos balões. Na verdade, o interlocutor, primeiramente, deve saber conduzir sua leitura pensando na intenção do locutor em produzir a tira, como também interpretar a imagem como fonte de sentido.

Tudo, numa tira, é posto com um propósito comunicativo desde o formato dos balões, das letras, a cena narrativa, a linguagem, os personagens, o espaço e o tempo. Assim, esse gênero textual possui uma infinidade de minúcias e, se o leitor não estiver atento a elas, deixará de perceber os sentidos do texto.

4 Humor nas tiras em quadrinhos

Neste tópico, discutiremos como o gênero textual em foco se apropria do humor para a construção dos sentidos que possa construir conhecimento, divertimento para o leitor. Assim, segundo o dicionário Sacconi (2009, p.649), o vocabulário **humor**, 1. Boa disposição de espírito; graça; bom humor. 2. Estado de espírito; disposição de ânimo. 3. Ironia fina, espirituosa, que pode ser jocosa ou macabra; humorismo.

Partindo desse conceito, o humor deve causar, no leitor, o riso, a comicidade. Nas tiras, essas ações precisam fluir a partir do momento no qual o indivíduo toma conhecimento da intenção que o autor quis mostrar através da imagem verbal/não-verbal. Portanto, a intenção de causar o humor só será evidenciada quando a mensagem for compreendida completamente. Para Barbosa *et al* (2009, p.187), “não se pode compreender o sentido de humor presente num texto sem que o conteúdo seja lido e entendido. Nesse sentido, ler piadas, crônicas, tiras e outros textos com temática cômica pode ser um elemento importantíssimo para exercitar a capacidade de inteligência dos estudantes.”

Os autores dizem, ainda, que o humor está ligado ao gênero textual tira desde o século XIX, pois houve um aumento na circulação dessas imagens cômicas nos jornais de diferentes países da Europa e das Américas. Revela que a publicação eram trabalhos caricatos, curtos, além disso, isso ajudou a firmar a linguagem usada hoje em dia nesses textos.

No Brasil, afirma Barbosa (2009), o primeiro escrito de humor gráfico foi o de *O Cascudão*, publicado em Recife no ano de 1831. Depois desse acontecimento, várias outras publicações foram realizadas no nosso país que, segundo Barbosa *et al* (2009, p 188), mostravam ora pessoas comuns, ora figuras ligadas ao mundo político”.

Ainda no século XIX, esses desenhos foram publicados, pela primeira vez, na imprensa tradicional, especificamente, no Jornal do Brasil. Nas décadas seguintes, a evolução desse gênero só aumentou, havendo a criação e a publicação de trabalhos de humor em quadrinhos em jornais e em revistas, seus dois principais suportes de divulgação.

Vemos assim, que o humor é um importante elemento para a construção de sentido nas tirinhas atrelado a outros mecanismos linguísticos para a formação de uma consciência crítica dos leitores. Para Vergueiro *et al* (2009, p. 199), “as tiras são ótimos exercícios de interpretação e, para compreender o humor, o aluno tem que recuperar obrigatoriamente os elementos verbais e visuais presentes no texto”. Portanto, com a evolução da publicação desse gênero, temos tiras nos mais variados conteúdos que levam o leitor a fazer as considerações necessárias para compreensão global dos enunciados e das imagens por ela veiculada.

5 Análise do corpus

Para a realização da proposta deste trabalho, a intertextualidade e construção do humor em tirinhas, procedeu-se a análise de cinco tirinhas à luz dos pressupostos da intertextualidade “*stricto sensu*” em Koch *et al*, 2007.

O *corpus* foi selecionado aleatoriamente, numa pesquisa na internet. Mas as tiras foram escolhidas a partir do momento em que se constatava a presença de marcas da intertextualidade.

As cinco tirinhas constituintes do “*corpus*” são as que seguem.



Figura 1 – Paródia do conto de fadas *João e Maria*. Disponível em <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas/tira161.htm>. Acesso em 05 de junho de 2010.



Figura 2 - Alusão ao super-herói *Wolverine*. Disponível em : <http://images.google.com.br>

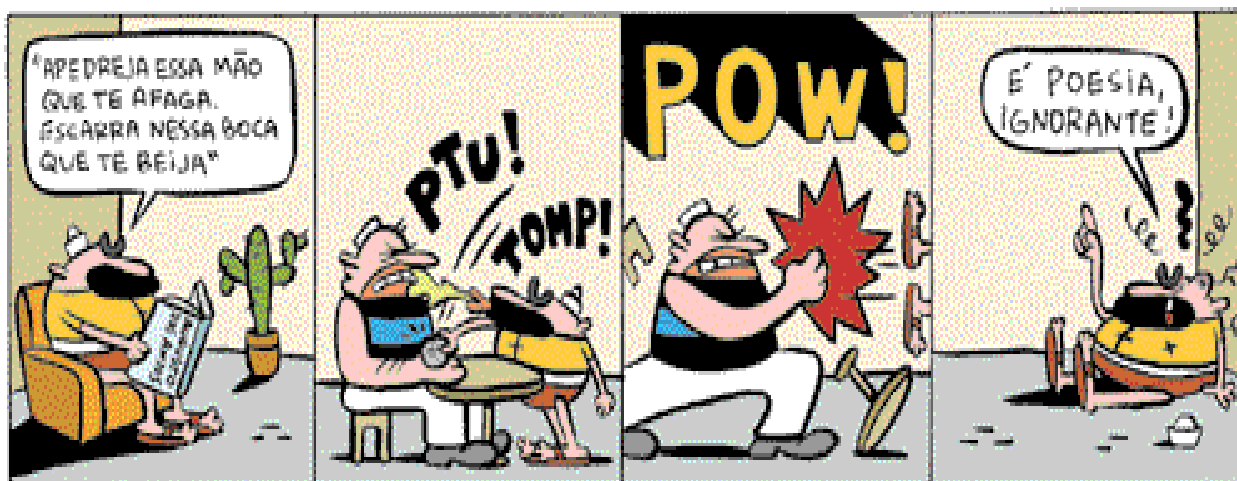


Figura 3 - Citação ao poema *Versos Íntimos*, *Augusto dos Anjos*. Disponível em http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/imagens/md_em_pt/2009. Acesso em 05 de junho de 2010.



Figura 4 – Paródia do filme *O Senhor dos Anéis*. Disponível em: <http://images.google.com.br>

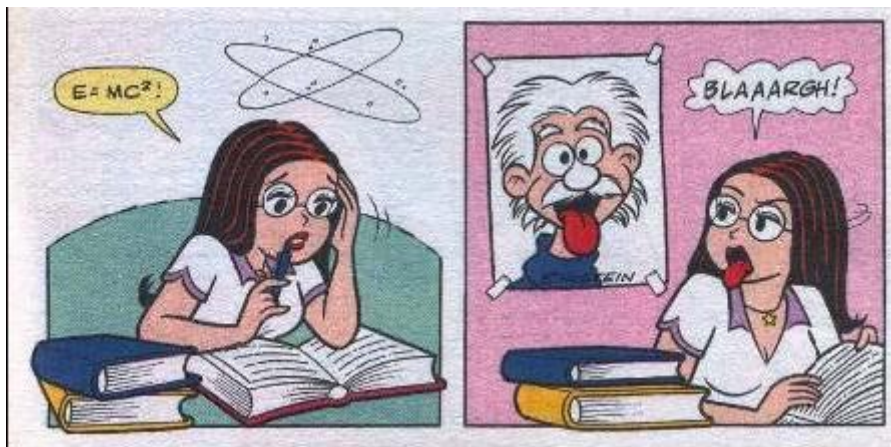


Figura 5 - Alusão a Einstein e à teoria da relatividade pela imagem. Disponível em <<http://www.monica.com.br/comics/tirinhas>>. Acesso 05 de junho de 2010.

Sem nenhuma sombra de dúvida, as tirinhas hoje representam um meio de comunicação de massa, pois é uma leitura rápida. As circulações do gênero são variadas agradando a inúmeros leitores, principalmente, por serem veiculadas em vários tipos de suporte como o livro didático, a internet, dentre outros.

As tiras tentam, além da diversão, refletir os fatos do mundo, por intermédio das personagens. Elas servem de pano de fundo para que esses personagens variados, tais como heróis, vilões, dentre outros, possam viver suas vidas, tentando geralmente passar mensagens, às vezes críticas, humoradas ou apenas para o deleite dos leitores. Por isso mesmo, as tirinhas são um gênero que podem influenciar de forma direta ou indireta, de modo bem humorado, o pensamento crítico dos interlocutores e, por fazer isso, tenham sido responsáveis por uma espécie de desconfiança quanto às consequências que elas poderiam gerar. Para Vergueiro:

pais e mestres desconfiavam das aventuras fantasiosas das páginas multicoloridas dos quadrinhos, supondo que elas poderiam afastar as crianças e jovens de leituras “mais profundas”, desviando-os assim de um amadurecimento “sadio e responsável”. Daí a entrada dos quadrinhos em sala de aula encontrou severas restrições, acabando por serem banidas muitas vezes de forma violenta, do ambiente escolar. (VERGUEIRO *et al*, 2009, p. 8).

Como observado, a caracterização do gênero *tirinha* pode desempenhar um importante recurso para a interpretação textual e incitar, nos interlocutores, os vários conhecimentos realizados na compreensão dos textos acima. Para tanto, é importante ressaltar que, nesses casos de intertextualidade *stricto sensu*, os leitores devem prender-se ao conhecimento prévio de outros textos, tanto no que diz respeito à forma, quanto ao conteúdo. Na forma, aparecerão como citações, paráfrases ou paródias; no caso do conteúdo, a intertextualidade é uma constante já que todos os textos dialogam uns com os outros, pois segundo Koch *et al* (2007),

é de suma importância que o texto, nesse tipo de intertextualidade, faça a remissão a outros textos ou apenas lembre fragmentos deles para causar a relação entre eles.

Para a interpretação plena dos textos selecionados, o leitor deverá partir do conhecimento compartilhado, como também das mais variadas informações para se fazer uma explicação coerente de cada quadrinho da tira. Além disso, o interlocutor partirá da leitura primeira para realizar as conclusões relevantes aos textos, pois precisará ativar alguns elementos básicos para realmente entender a construção do sentido, fazendo a relação intertextual, apropriando-se, como defende Koch (2007), da intertextualidade implícita, assim definida pela autora,

o produtor do texto espera que o leitor/ouvinte seja capaz de reconhecer a presença do intertexto, pela ativação do texto-fonte em sua memória discursiva, visto que, se tal não ocorrer, estará prejudicada a construção do sentido, mais particularmente, é claro, no caso da subversão. (KOCH *et al*, 2007, p. 31.).

Portanto, os leitores para recuperar o propósito cômico das tiras, terão que saber que na figura 1, por exemplo, o humor é causado a partir da ativação do histórico da personagem Magali. A sua voracidade por comida não deixaria passar a oportunidade de comer o objeto da troca – os feijões. Além disso, os interlocutores necessitarão lembrar também da história de João e o pé de feijão e da importância do elemento feijão para dar continuidade ao conto de fadas.

Já na figura 2, faz-se alusão ao personagem de história da Marvel, Wolverine, um dos mais conturbados dentre os super-heróis. Nesse texto, o herói adentra o conto de fadas Chapeuzinho Vermelho. Assim, o leitor deverá fazer inferências e contrapor a personalidade de Wolverine contra a do lobo. Dessa maneira, a intertextualidade implícita se faz presente, pois é introduzida, no próprio texto, intertexto alheio, sem a necessidade de explicar ao leitor qual é a fonte primeira para causar-lhe à comicidade.

Para constituir o humor na figura 3, o interlocutor terá que saber que as palavras ditas pelo personagem são, na verdade, versos de um poema, de Augusto dos Anjos, intitulado “Versos Íntimos” e não ações que deverão ser praticadas pelo segundo personagem, causando uma falta de compreensão por parte de um dos personagens da tira, demonstrada por suas ações. Se o leitor não tiver conhecimento desse poema, certamente a leitura da tirinha estará comprometida, porque a graça da narrativa está justamente na relação poema versus ação. A comicidade só será realizada efetivamente quando a leitura for compreendida de forma total pela recuperação do intertexto.

A intertextualidade implícita, na figura 4, só será atingida se o leitor lembrar do filme *O Senhor dos Anéis*, principalmente dos dois personagens envolvidos: Sméagol e Frodo Bolseiro, um hobbit, de estatura pequena, mas com pés enormes, pois há uma referência clara a eles pelas pistas marcadas no quadrinho: a roupa das personagens, a semelhança física, o ambiente que lembra o filme, como também há outra intertextualidade com velho dito popular sobre o tamanho dos pés. O leitor só terá realizado a intenção comunicativa do interlocutor se proceder a leitura intertextual relacionando as marcas textuais deixadas para causar o riso.

Finalmente, na última tirinha, o interlocutor fará a intertextualidade se conhecer a figura de Einstein, pois a personagem Tina faz uma menção clara à falta de entendimento sobre a Teoria da Relatividade, causando o humor na história narrada. Deste modo, o leitor terá que entender que Tina, ao não entender os cálculos da teoria, inventada pelo físico, reproduz uma célebre imagem, a famosa foto de Albert Einstein mostrando a língua, que é, sem dúvida, um ícone de nossos dias, e todos acreditam que seja uma foto “simpática”; uma

visão cômica do gênio, brincando com o fotógrafo ao fazer a careta. Podemos perceber também que a imitação que Mônica faz ao físico não é com a mesma intenção que Einstein produz, pois ela a faz com a intenção de mostrar a não compreensão dos cálculos e, ele, com a clara intenção, como já dissemos, de ser irônico, de ser cômico. Além de demonstrar um espécie de subversão, pois, segundo Koch(2007), “a descoberta do intertexto torna-se crucial para a construção do sentido”.

6 Considerações finais

Este artigo procurou demonstrar as particularidades que envolvem a intertextualidade e o humor. Defendemos que é essa uma relação bastante complexa, pois depende das estratégias e dos conhecimentos que o leitor possui para identificar as marcas que um texto pode trazer para causar o riso. Lembramos ainda que a intertextualidade é um dos elementos que pode servir de forma direta e/ou indireta para causar o humor nas tiras em quadrinhos, pois constatamos, nas análises, que esse recurso é um meio que auxilia na compreensão e construção da comicidade desse gênero textual.

Ao longo de nossa análise, observamos que a ativação realizada pelo interlocutor das marcas linguísticas da intertextualidade é fundamental para a construção da comicidade das tirinhas. Ratificamos que a construção do humor vai depender da capacidade do leitor evocar os intertextos presentes na construção das tiras.

Referências

- BAKHTIN, M. **Marxismos e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BARBOSA, Alexandre. RAMOS, Paulo; VILELA, Túlio; RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3 ed., 3ª impressão – São Paulo: Contexto, 2009.
- BAZERMAN, C. **Escrita, Gênero e Interação Social**. HOFFNAGEL, J. C.; DIONISIO, A. P. (orgs.). Tradução de Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2007.
- KOCH, Ingedore & ELIAS, Vanda. **Ler e Escrever: estratégias de produção textual**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- KOCH, I. G. V. **Introdução à lingüística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004
- KOCH, Ingedore G. Villaça; BENTES Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- RAMOS, Paulo & VERGUEIRO, Waldomiro. **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009.
- SACCONI, Luiz Antônio. **Minidicionário Sacconi da Língua Portuguesa**. 11. ed. São Paulo: Nova Geração, 2009.
- FONTE DAS TIRINHAS
- Disponível em < <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas/tira161.htm>>. Acesso em 05 de junho de 2010.
- Disponível em
- <www.google.com.br/imgres?imgurl=http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/imagens/md_em_pt/2009>. Acesso em 05 de junho de 2010.

Disponível em <<http://www.monica.com.br/comics/tirinhas>>. Acesso em 05 de junho de 2010.

Disponível em <<http://www.images.google.com.br>>. Acesso 07 de junho de 2010.